

Exmos. Srs. Diretores do Colegio Brasil.

Meus prezados colegas.

Minhas senhoras.

Senhores.

Quiseram os meus companheiros de luta, num consenso unanime que muito me desvaneca, mas de que se não de arrependem talvez dentro de poucos minutos, que fosse eu o interprete de seus sentimentos, nesta hora magna que o Colegio atravessa.

Relutei em aceitar a honrosa incumbencia, não por falsa modestia, mas por ter enfermo o organo que constitue, para o orador, senão o unico, ao menos o principal instrumento de bom exito.

As minhas frequentes negativas, neste sentido, já se vão tornando um tanto impertinentes, criando em torno de mim um ambiente suspeito de má vontade, que desejo ora se desfaça.

Se a missão de falar é difficil, como bem acentuou Latino Coelho, encarada á luz do criterio propriamente oratorio, no meu caso ella está plenamente facilitada pela excellencia do assunto que me foi proposto-saudar, em nome do corpo docente, os diretores do Colegio Brasil.

Deveria reprimir nos labios as palavras de encomios a que elles fazem jus, dispensando-me assim dos embaraços de um discurso, e proceder, como aquelle Manlio Capitolino, cuja eloquencia, na defesa de sua causa que era a defesa da propria vida, consistia unicamente na indicação reiterada do vulto majestoso do Capitolio.

O mesmo poderia eu fazer, apontando, aos vossos olhos contemplativos, o espetaculo soberbo que aqui se descortina, a suntuosidade deste edificio, o esplendor destes pateos, o brilho da praça de esportes, que são os maiores elogios que se podem fazer aos seus diretores.

Para que palavras, senhores, se as obras falam mais alto, na eloquencia muda das coisas inertes? Mas ainda que se calassem as pedras, ainda que as construções se emudecessem, um localo existe, neste templo, que é todo elle um hino de louvor á obra benemerita que aqui se tem realizado.

Quero falar-vos daquelle recinto, onde se encontra a vasta gale-

ria de retratos dos moços que por aqui passaram, galeria que é só por si um panteon verdadeiro de imortaes troféos.

Lá estão eles, aqueles moços denodados, alegres nas suas conquistas, serenos nas suas vitorias, a anunciar, com o seu sorriso de triunfo embora, que a gloria só se alcança, depois de longos e fatigantes trabalhos. A contemplação daqueles quadros é um convite e, ao mesmo tempo, uma promessa aos que iniciam a escalada da montanha santa da ciencia.

A ascensão é penosa, não ha negar, mas a refrigerar das agruras do caminho, com a bondade propria dos homens sabios e prudentes, os novos peregrinos da via crucis, que aquiserem fazer da romaria do saber, aqui encontrarão, sempre sollicitos, os dois abnegados sacerdotes do bem, que os hão de conduzir, como sempre tem conduzido a mocidade estudiosa para os seus altos destinos.

Nesta hora soene de evocações, é justo, é dever que se impõe imperioso, relembrar o nome de alguem que já não existe, mas cuja vida esteve, e por que não dizer está, intimamente ligada ás principaes conquistas desta casa.

Já sabeis que me quero referir a d. Magnolia Brasil.

Não tive a ventura de a conhecer, mas pintaram-na santa e bõa, e acredito que o tebha sido, porque só uma santa pode deixar, na sua passagem pela terra, a saudade que deixou d. Magnolia Brasil. E as santas tem uma função importante que cumprir no céu-a de interceder junto ao trono de Deus, para que as obras bõas cresçam, se desenvolvam e frutifiquem.

Quem sabe se não reside nessa mediação um dos grandes segredos dos triunfos constantes do Colegio Brasil?

Devo terminar; não o farei, sem que primeiro saude, em meu nome e de meus colegas, os nobres dirigentes desta casa, varões dignos de Plutarco, cujos nomes avultam na gratidão da familia fluminense, como os de dois verdadeiros apóstolos.

Ave, professor Brasil!

Salve, dr. Lealdino Alcantara!